

O "HERÓI-MALANDRO" LALINO SALATHIEL

Fábila R.C.H. HONORATO DE OLIVEIRA*

1. INTRODUÇÃO

A categoria **personagem**, em "A volta do marido pródigo", é analisada sob a perspectiva semiológica, segundo os critérios desenvolvidos por Philippe Hamon (1976), no ensaio intitulado "Para um estatuto semiológico da personagem", publicado na coletânea *Categorias da narrativa* (1976)

2. A PERSONAGEM-SIGNO

De acordo com Philippe Hamon (1976), a Semiologia propriamente dita distingue três tipos de signos: **Referenciais**, **Dêiticos** e **Anafóricos**, que a Semiologia da personagem, num primeiro momento, retoma definindo:

a) uma categoria de **personagens referenciais**: remetem para um sentido pleno e fixo, imobilizado pela cultura, que deve ser conhecida pelo leitor. Em "A volta do marido pródigo", o sapo da fábula "A festa no céu" é uma personagem referencial, pois a sorte de Lalino Salathiel é comparada à dele.

b) uma categoria de **personagens embraiadores**: são as marcas, no texto, da presença do autor, do leitor ou de seus delegados. São personagens "porta-voz", coros de tragédias antigas, narradores e autores intervenientes. No texto que analisamos, quando o sujeito da enunciação muda a desembreagem de

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

enunciativa para enunciva, pode se reconhecer um **personagem embraiador**, na marca conosco, (Hamon, 1976, p. 70)

c) uma categoria de **personagens anáforas**: é a única categoria indispensável. Tais personagens tecem, no enunciado, uma série de apelos e lembranças a segmentos de enunciados disjuntos e de comprimento variável (de um sintagma a um capítulo). Tendo função organizadora e coesiva, são as personagens que mais nos interessam, visto que seus traços possibilitam não somente a economia da narrativa como também a sua tautologia, através da substituição e da coesão. Pela recorrência, pela perpétua remissão a uma informação já dita, pela rede de oposições e de semelhanças que as liga, todas as personagens têm uma função anafórica (econômica, substitutiva, coesiva, mnemotécnica) (Hamon, 1976, p. 88).

Nessa última categoria, podem-se enquadrar também os sapos, que estabelecem a coesão do texto.

Enquanto unidade de um sistema, a personagem define-se como uma espécie de morfema duplamente articulado, manifestado por um significante descontínuo, remetendo para um significado descontínuo e fazendo parte de um paradigma construído pela mensagem (Hamon, 1976, p. 89).

Seu significante descontínuo é representado, no texto, pelos constituintes que farão parte de um paradigma gramaticalmente homogêneo ou heterogêneo. Em "A volta do marido pródigo", o significante do protagonista é veiculado na cena enunciativa por um narrador anônimo, que faz uso de um paradigma gramaticalmente heterogêneo, pois ele as nomina, recorrendo a substituições e recorrências que reforçam e asseguram a permanência das marcas. Portanto, o significante da personagem-signo é o seu nome, o(s) apelido(s), e todos os processos de substituição que servem para identificá-lo.

O significado da personagem aparece na cena do texto progressivamente. Os morfemas da língua são imediatamente reconhecidos, ao passo que o nome próprio e seus substitutos vão surgindo gradativamente. Morfema «vazio» no início, a personagem só adquire sentido definitivo pouco a pouco. Entretanto, a significação de uma personagem não se constitui por repetição ou acumulação, mas sim por diferenças perante signos do mesmo nível, do mesmo sistema e pela sua inserção no sistema global da obra. É, pois, diferencialmente, diante das outras personagens do enunciado que, antes de tudo, se definirá uma personagem (Hamon, 1976, p. 90).

Para se definir diferencialmente as personagens, Hamon (1976, p. 91) cita o método desenvolvido por Todorov, em 1968, como se segue:

1. Estudar as personagens de uma narrativa e suas relações e oposições;
2. Decompor cada imagem em traços distintos e colocá-los em relação de oposição ou de identidade;
3. Obter, assim, um número reduzido de eixos de oposição, cujas diversas combinações reagrupam esses traços em leques representativos da personagem.

Tabela 1 - Eixos definidos das personagens de “A volta do marido pródigo”

eixos definidos personagens	Polítiqueiro	mentiroso	interesseiro	esperto
Lalino	+	+	+	+
seu Oscar	+	+	+	+
Major Anacleto	+	+	+	+

Pela distribuição em um eixo semântico, demonstramos que as personagens de “A volta do marido pródigo” são personagens-tipo, ou seja, representam os valores morais de pessoas espertas, mentirosas, interesseiras e politiqueiras, como veremos no próximo item. Lalino Saláthiel é o grande destaque entre elas, já que é o mais esperto, o mais mentiroso, o mais interesseiro e o mais politiqueiro. No nível do contexto da história, Lalino pode ser considerado herói-malandro, porque existe uma coincidência entre *herói* e *espaço moral valorizado*, ou seja, o espaço moral valorizado é o espaço da esperteza, portanto, é perfeitamente legível a “heroicidade” de Lalino.

3. O HERÓI LALINO

Segundo Hamon, a noção de personagem-signo não é exclusivamente “literária” e nem está ligada a um sistema semiótico exclusivo. É preciso distinguir o que é da competência da literaridade e da literariedade da personagem, ou seja, distinguir vários domínios diferentes e vários níveis de análise.

Um dos domínios é o do herói, que pode ser reconhecido, diferenciando-se por:

1) Uma qualificação diferencial, que é um número de qualificações que não possuem, ou possuem em menor grau, as outras personagens da obra:

a) recebe marcas após uma proeza -

São várias as proezas de Lalino:

- chega atrasado ao trabalho, porém consegue conquistar os chefes, ganhar o dia e fazer com que pensem em lhe arrumar um emprego melhor (Rosa, 1971, p. 70-1).
- Depois de ter levado a fama de ter vendido a mulher, consegue recuperá-la:

a venda:

E diziam também que o marido era um canalha, que tinha vendido a mulher. (Rosa, 1971, p. 87)

Já se viu?! Então, agora, ainda vai atrapalhar mais as coisas? Decerto vai querer tornar a tomar a mulher que voce vendeu, ahn? Não deve de fazer isso. Piorou!(Rosa, 1971, p.93)

Vendeu a família, o desgraçado!... (Rosa, 1971, p. 97)

a recuperação:

- Sou a mulher do Laio, seu Major... Me perdõe, seu Major... Eu sei que o senhor tem bom coração... Sou uma infeliz, seu Major... É o Ramiro, o espanhol, que me desgraçou... Desde que o Laio voltou, que ele anda com

ciúme, só falando... Eu não gosto dele, seu Major, gosto é do Laio!... Bom ou ruim, não tem juízo nenhum, mas eu tenho amor a ele, seu Major... Agora o espanhol deu para judiar comigo, só por conta do ciúme... Viu o seu Oscar conversando comigo hoje, e disse que o seu Oscar estava era levando recado... Quis me bater, o cachorro! Disse que me mata, mata o Laio, e depois vai se suicidar, já que está mesmo treslouco... Então eu fugi, para vir pedir proteção ao senhor, seu Major. Pela Virgem Santíssima, não me largue na mão dele, seu Majorzinho nosso! (Rosa, 1971, p. 112)

Major Anacleto chama Lalino, e as mulheres trazem Maria Rita, para as pazes. (Rosa, 1971, p. 117)

b) tem genealogia ou antecedentes expressos:

Lalino Salãthiel é da grei dos sapos. Esse antecedente é que o faz sair vitorioso; ele tem a sorte dos sapos como aquele da fábula “A festa no céu” contada numa narrativa *en abyme* na página 93. O sapo da fábula é personagem referencial, pois, a partir dele, temos a previsão de que Lalino é sortudo, malandro, mentiroso e esperto.

c) tem nome, alcunha e apelido

O nome inteiro de Lalino é Eulálio de Souza Salãthiel. Ele é chamado Lalino pelo narrador, seu Laio pelos chefes de serviço na estrada, mulatinho por muitos de seus companheiros e, depois da venda da esposa, pelo lugarejo todo e pelo Major Anacleto, a princípio, mulatinho, porém, depois de tê-lo conquistado com suas mutretas, Eulálio.

d) é personagem descrita fisicamente

Lalino é mulato, cabelos negros, mais para gordo, bonito e elegante:

Agora seu Marra fecha a cara: Lalino Salãthiel vem bamboleando, sorridente. Blusa cáqui, com bolsinhos, lenço vermelho no pescoço, chapelão, polainas, e, no peito, um distintivo, não se sabe bem de que. Tira o chapelão: cabelos pretíssimos, com as ondas refulgindo de brilhantina borora. (Rosa, 1971, p. 71)

(Lá além, Generoso cotuca Tercino):

- Mulatinho descarado! Vai em festa, dorme que-horas, e, quando chega, ainda é todo enfeitado e salamistrão!... (Rosa, 1971, p. 71)

Caí na estrepolia: que pândega! Antes magro e sôlto do que gordo e não... Que pândega! (Rosa, 1971, p.88)

e) seu heroísmo é explicitado:

O “heroísmo” de Lalino, foi exatamente o de “vender” a esposa, “quebrar a cara” na capital, retornar e tomar a esposa de volta, sem devolver o dinheiro ao espanhol e ainda ser valorizado por tudo isso. Para retomar a esposa, recorre a muitas artimanhas, sem contar que a sorte sempre estava ao seu lado: seu Oscar lhe oferece emprego como cabo eleitoral do pai, o Major Anacleto, que se opõe a Lalino até ele provar sua competência; tio Laudônio, que muito influencia o Major Anacleto, o vê com simpatia, porque ele mesmo tivera uma vida mais ou menos parecida com a de Lalino. E assim, com esses adjuvantes, Lalino consegue a vitória eleitoral para o Major, a expulsão dos espanhóis do local e Maria Rita.

Os impedimentos apresentados pelo Major:

- Não me fale mais nisso, seu Oscar. Definitivamente! Aquilo é um grandíssimo cachorro, desbriado, sem moral e sem temor de Deus... Vendeu a família, o desgraçado! Não quero saber de bisca dessa marca... E, depois, êsses espanhóis são gente boa, já me compraram o carro grande, os bezerros... Não quero saber de embondo!.. (Rosa, 1971, p.97)

e a intervenção de tio Laudônio:

- Um mulato dêsses pode valer ouros... A gente esquenta a cabeça dele, depois solta em cima dos tais, e sopra... Não sei se é de Deus mesmo, mas uns assim têm qualquer um apadrinhamento... É uma raça de criaturas diferentes, que os outros não podem entender... Gente que pendura o chapéu em asa de corvo e guarda dinheiro em bôca de jia... Ajusta o mulatinho, mano Cleto, que êsse-um é o Saci. (Rosa, 1971, p. 98)

Lalino logo soube aproveitar-se do emprego, pediu o melhor capanga do Major para dar-lhe cobertura, fazendo-se assim respeitado no lugarejo, inclusive pelos espanhóis. Conseguiu também o apoio da igreja para o Major e, principalmente, para ele próprio, é claro, pois precisava convencer o Major de que Maria Rita, por direito, era sua mulher. Tudo isso através de mentiras e maracutaias que só ele conseguia dizer e fazer. Porém, o que o consagra "herói", é o fato de conseguir a simpatia do Secretário do Interior, que passava pelo lugarejo, e levá-lo à casa do Major. (Rosa, 1971, p. 117)

Outros traços menos importantes que caracterizam o herói são:

- a motivação psicológica - Lalino quer primeiramente conhecer o Rio de Janeiro (Rosa, 1971, p.82) e depois reconquistar a mulher (Rosa, 1971, p. 91)
- ter relações com uma personagem central feminina - ele as tem com a Maria Rita, praticamente a única mulher da narrativa, e que o ama. Quando Maria Rita recebe uma "cantada" de seu Oscar, ela mesma declara seu amor por Lalino:

- E, olhe aqui: o senhor está enganado comigo, seu Oscar! O senhor não me conhece! Eu procedi mal, mas não foi minha culpa, sabe?! Eu gosto mesmo é do Laio, só dele! Não presta, eu sei, mas que é que eu hei de fazer?!... Pode ir contar a aquele ingrato, que não se importa comigo... Fiquei com o espanhol, por um castigo, mas o Laio é que é meu marido, e eu hei de gostar d'ele, até na horinha d'eu morrer! (Rosa, 1971, p. 107-8)

- ser conversador - é a principal característica do protagonista, tanto que seu nome, etimologicamente encerra tal qualidade:

EULÁLIO, s.m. Nome de homem. Do lat. Eulaliu, calcado no grego éulalos, bem falante. V. Leite de Vasconcelos, *Antr.*, 47, Nunes, *RL*, XXXII, 123.

O texto diz que Lalino nunca saiu do Em-Pé-na-Lagôa (ele é da grei dos sapos), mas falava de viagens e aventuras que nunca tivera.

É nada. Mas, as espanholas!... Aposto que vocês nunca viram uma espanhola... Já?... Também, - Lalino ri com cartas - também aqui ninguém não conhece o Rio de

Janeiro, conhece?... Pois, se algum morrer sem conhecer, vê é o inferno! (Rosa, 1971, p. 76)

Desta vez a turma está anzolada. Alargam as ventas, para se caber, rebebem as palavras. Lalino acertou. Faz um silêncio, para estupefação. É, principalmente, para poder forjar novos aspectos, porque também ele, Eulálio de Souza Saláthiel, do Em-Pé-na-Lagôa, nunca passou além de Congonhas, na bitola larga, nem de Sabará, na bitolinha, e, portanto, jamais pôs os pés na grande capital.... (Rosa, 1971, p. 76-7)

2) Uma distribuição diferencial: Lalino aparece no início e no fim dos capítulos, com exceção do capítulo III, que é um relato sobre Maria Rita e o espanhol, e do capítulo VI, que conta como Major Anacleto aceitou empregar Lalino.

3) uma autonomia diferencial: o herói é a única personagem que aparece sozinha e dispõe, além disso, do monólogo interior. O exemplo abaixo, mostra Lalino em devaneios, quando decide ir para a capital:

... Bem boazinha que ela é... E bonita... (Agora, como quem se esconde em neutro espaço, Lalino demora os olhos nos quadros de guerras antigas, nessas figuras que parecem as da História Sagrada, no plano de um étero-avião transplanetário, numa paisagem africana, com um locomovente rinoceronte...) Mas, são muitas... Mais de cem? Mil?!... E é só escolher: louras, de olhos verdes... E Maria Rita gosta d'ele, mas... (Rosa, 1971, p.82)

4) uma funcionalidade diferencial: ele resolve as contradições, é constituído por um fazer, sai vitorioso sobre o oponente, é sujeito real e glorificado, recebe informações (saber) e adjuvantes (poder), tem um querer que se resolve no final da narrativa e liquida a falta inicial.

O enquadramento das funções, dos diferentes tipos de ação pode ser colocado em uma tabela, comparando-se a "heroicidade" de Lalino com a ausência ou presença nas demais personagens.

Tabela 2 - Enquadramento das funções das personagens em "A volta do marido pródigo"

funções	recepção de um adjuvante	mandamento	aceitação de um contrato	recepção de uma informação	recepção de um bem	luta vitoriosa
personagens						
Lalino	+	+	+	+	+	+
seu Oscar	+	+	+	-	-	+
Major Anacleto e tio Laudônio	+	-	+	-	-	+

De acordo com a tabela acima, podemos concluir que Lalino recebe um adjuvante, ou seja, o poder, que é o emprego oferecido por seu Oscar; um mandamento - conquistar votos para o Major Anacleto; aceitação de um contrato - o contrato do emprego; recepção de uma informação - Lalino recebe muitas informações sobre o adversário político do Major Anacleto: recepção de um bem - novamente, o poder adquirido por ser cabo eleitoral do Major e todas as regalias decorrentes desse fato; luta vitoriosa - ganha as eleições para o Major Lalino e recupera Maria Rita.

Lalino Salãthiel, mesmo entre seus pares, é herói-malandro. Se a sua valorização é positiva por parte de seu Oscar, Major Anacleto e tio Laudônio, isso só acontece depois de seus "feitos"; além disso não o é por toda a população. Na verdade a apreciação de seu fazer é ambíguo, por ser ambígua a sua natureza.

5) **uma pré-designação convencional:** aqui é o gênero que define o herói. No caso, temos uma narrativa em forma de conto, na qual pode ou não haver herói. Nos contos de *Sagarana*, esse tipo de herói às avessas é comum.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da história, Lalino pode ser considerado herói-malandro, porque existe uma coincidência entre a “heroicidade” malandra e o *espaço moral valorizado*, ou seja, o espaço moral valorizado é ao mesmo tempo, o espaço da esperteza, mas também de sua consideração como malandragem. Portanto, é perfeitamente legível a “heroicidade” malandra de Lalino. Assim, os postulados semiológicos nos permitiram perceber o protagonista como personagem com valorização ambígua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HAMON, P. Por um estatuto semiológico da narrativa. In: Hamon et al. *Categorias da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1976.
- ROSA, G. A volta do marido pródigo. In: _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1971. p. 141-72.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1993.
- CANDIDO, A. A personagem de romance. In: _____. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.
- REIS, C. & LOPES, A.C.M. *Dicionário de teoria da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1987.